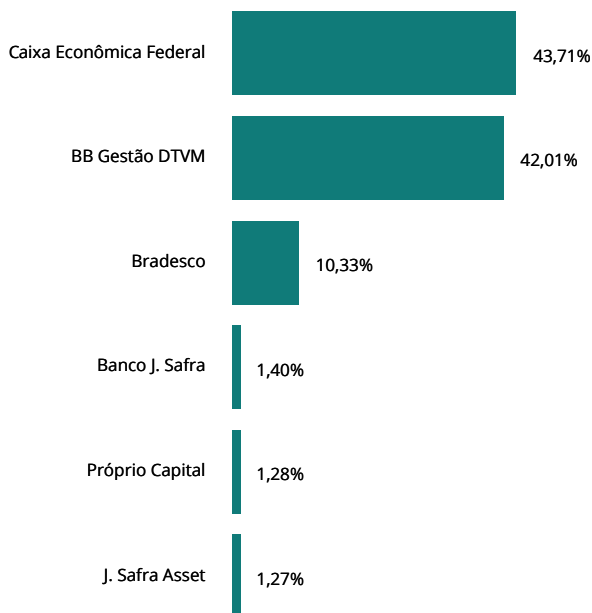


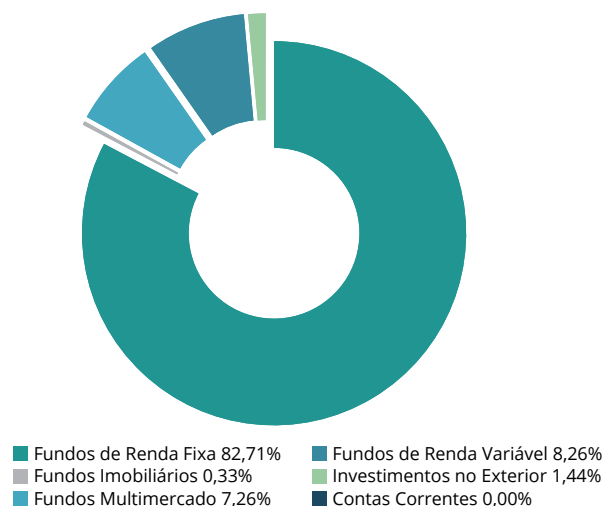
ANGEPREV

Os recursos do ANGEPREV são aplicados respeitando os princípios de segurança, legalidade, liquidez e eficiência. A diretoria do RPPS, assessorada pela SMI Consultoria de Investimentos, vem buscando estratégias para que as necessidades atuariais do Instituto sejam alcançadas de acordo com os prazos estabelecidos.

DISTRIBUIÇÃO DA CARTEIRA POR INSTITUIÇÃO FINANCEIRA



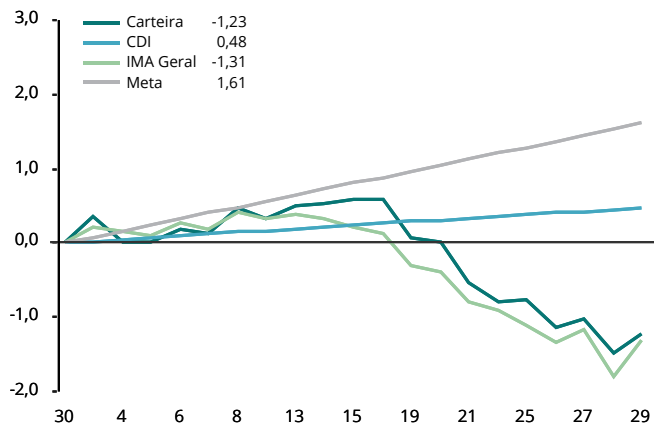
DISTRIBUIÇÃO DA CARTEIRA POR SEGMENTO



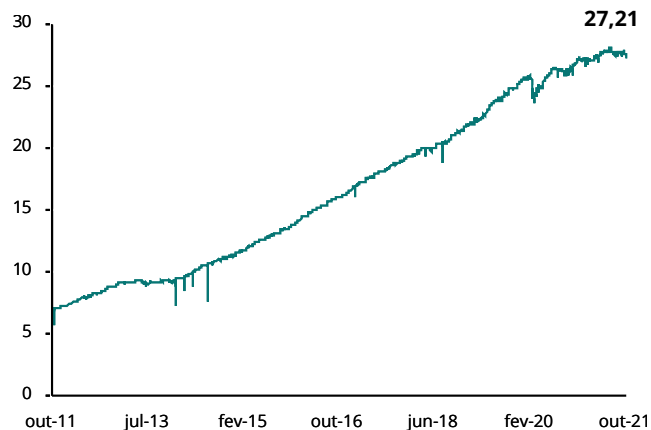
HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

COMPARATIVO	NO MÊS	NO ANO	EM 12 MESES
ANGEPREV	-1,23%	-1,71%	2,40%
META ATUARIAL - INPC + 5,47% A.A.	1,61%	13,37%	17,25%
CDI	0,48%	3,00%	3,32%
IMA GERAL	-1,31%	-1,68%	1,05%
IBOVESPA	-6,74%	-13,04%	10,16%

RENTABILIDADE ACUMULADA NO MÊS (EM %)



EVOLUÇÃO DO PATRIMÔNIO (EM R\$ MILHÕES)



ANGEPREV

Outubro foi mais um mês difícil para os mercados brasileiros, com forte deterioração das perspectivas fiscais domésticas e, apesar de um cenário externo mais calmo, ainda com receios sobre a crise energética e inflação. Nos Estados Unidos, o mês também começou de forma conturbada para o cenário fiscal, mas logo as fontes de preocupação foram resolvidas. Já na Europa, o aumento de casos de covid-19 em algumas regiões voltou a alimentar receios de novas ondas da doença.

Na China, a crise energética foi o principal fator a movimentar as expectativas, por levar à redução de atividade em algumas regiões do país. Próximo do fim do mês, o governo chinês eliminou todas as suas restrições à produção de carvão, na tentativa de aumentar a oferta do insumo e prover alívio para o setor local de energia. Não bastasse essa retirada de restrições, o governo ordenou que todas as minas de carvão do país operassem com capacidade total, mesmo nos feriados. Além disso, foram liberadas reservas de gasolina e diesel para aumentar também a oferta desses combustíveis no mercado local.

Os efeitos da crise energética na China foram evidenciados pelos indicadores econômicos divulgados ao longo do mês, que ficaram abaixo das projeções de mercado. O Produto Interno Bruto (PIB) Chinês aumentou 4,9% no terceiro trimestre frente ao mesmo período do ano anterior, abaixo dos 5,2% esperados pelos mercados. Em setembro, a produção industrial do país cresceu 3,1% na comparação anual, também abaixo dos 3,8% projetados. Esses dados provocaram revisões para o futuro da economia do país, que acabaram se refletindo em pessimismo para a economia mundial como um todo.

A zona do euro também teve indicadores divulgados que evidenciaram os efeitos da falta de insumos energéticos em sua atividade econômica. A produção industrial da região retraiu 1,6% em agosto frente a julho, resultado influenciado também por gargalos de produção enfrentados pelo setor. Já as vendas no varejo cresceram 0,3% em agosto na mesma base de comparação, resultado que, embora positivo, ficou abaixo das expectativas de alta de 0,8%. Ambos os setores sofreram impacto também do aumento no número de casos de covid-19 em algumas localidades.

No início do mês, o presidente da Rússia, Vladimir Putin, afirmou que seu país atenderia às demandas energéticas da Europa, trabalhando para estabilizar o mercado europeu de energia. A Rússia é um dos maiores produtores de petróleo do mundo, o que significa que ela teria capacidade de cumprir a promessa do líder. Essa fala contribuiu para um aumento no otimismo dos mercados europeus, que passaram a esperar uma possível redução nas incertezas trazidas pela falta de insumos para o setor de energia do continente. Entretanto, essas incertezas perduraram ao longo de outubro.

Se por um lado a atividade se deprimiu sob o efeito da crise energética, por outro a inflação seguiu aumentando no continente europeu. O Índice de Preços ao Consumidor da zona do euro subiu 0,8% em outubro, provocando alta de 4,1% frente a outubro de 2020, acima das projeções de 3,7% na comparação anual. A preocupação dos mercados locais com a inflação aumentou bastante conforme outros pontos de pressão começaram a surgir, como o pedido de sindicatos por reajustes salariais frente aos persistentes aumentos no nível de preços. Ainda assim, o Banco Central Europeu (BCE) decidiu manter inalterada a taxa de juros da zona do euro em sua reunião, e comunicou também que manteria seus estímulos extraordinários relacionados à pandemia, como o programa de compra de títulos, até que eles não fossem mais necessários para dar suporte à economia local.

Mais próximo do final do mês, os receios com possíveis aumentos mais acentuados no contágio pela covid-19 voltaram a crescer na Europa. Países do leste europeu voltaram a aplicar restrições à movimentação de pessoas devido a fortes aumentos nas infecções pelo coronavírus, frutos principalmente da baixa adesão às vacinas nesses países.

Nos Estados Unidos, o mês começou com incertezas rondando o cenário fiscal. Havia a ameaça de um não pagamento (default) de alguns títulos do governo federal, o que reduziria a confiança dos investidores no país. As chances de isso ocorrer, no entanto, eram consideradas baixas, visão que se mostrou acertada quando o Senado estadunidense aprovou um aumento do teto da dívida de quase meio trilhão de dólares até 3 de dezembro, no dia anterior à data limite imposta, efetivamente eliminando a chance de um default do governo local até a data.

Os indicadores divulgados ao longo de outubro apontaram para uma desaceleração da economia estadunidense nos meses anteriores, com o PIB do país crescendo 2% no terceiro trimestre em termos anualizados, abaixo dos 2,7% esperados pelos mercados. Ainda, a produção industrial de setembro retraiu 1,3% frente a agosto, resultado contrário às expectativas de mercado. A crise energética enfrentada pelo país, gargalos de oferta e efeitos adversos do furacão Ida foram apontados como principais responsáveis pela piora nesses indicadores. Com efeito reduzido desses fatores, as vendas no varejo cresceram 0,7% em setembro frente a agosto, resultado que surpreendeu positivamente os mercados, principalmente quando considerado o cenário de inflação elevada que o país já enfrentava.

O Índice de Preços de Consumo das Famílias (PCE) dos Estados Unidos subiu 0,4% em agosto frente a julho e 4,3% frente a agosto de 2020, resultados praticamente em linha com as expectativas, mas que mostraram a continuidade das pressões inflacionárias no país. Ainda, o Índice de Preços ao Consumidor (CPI) dos Estados Unidos cresceu 0,4% em

ANGEPREV

setembro frente a agosto, levemente acima das expectativas de mercado, de alta de 0,3%. Os preços de energia elétrica influenciaram bastante a inflação do país em ambos os períodos, efeito da crise energética global. Por outro lado, dados do payroll, relatório de emprego dos Estados Unidos, ficaram abaixo das expectativas do mercado para setembro, apontando assim para uma fraqueza maior do que a esperada do mercado de trabalho local e em linha com os dados de atividade. Esses dados, aliados à ata do Comitê Federal de Mercado Aberto (FOMC), que trouxe a sinalização de que o banco central dos Estados Unidos começaria a reduzir seu programa de compra de títulos já na metade de novembro ou de dezembro deste ano, mas com a afirmação de que a retirada desses estímulos não implicaria necessariamente em um aumento imediato da taxa de juros do país, fortaleceram a visão de aumentos na taxa de juros estadunidense apenas próximo a 2023.

Aqui no Brasil, o estresse fiscal foi o principal influenciador dos movimentos dos mercados em outubro. Já no início do mês, o governo estudava estender o auxílio emergencial, o que aumentaria o peso do projeto sobre as contas públicas. A ideia, no entanto, não seguiu adiante, o que trouxe alívio momentâneo para as expectativas. Já na segunda metade de outubro, o governo anunciou que aumentaria o Auxílio Brasil de forma diferente do que planejara anteriormente, elevando o benefício a R\$ 400 reais mensais até o final de 2022, através de um dispositivo temporário. Nesse valor, parte do benefício teria que ficar fora do teto de gastos, o que fez com que esse anúncio tivesse uma forte repercussão negativa sobre os mercados e alguns setores do próprio governo. A mudança foi incluída na Proposta de Emenda à Constituição (PEC) dos Precatórios, e previa que o reajuste anual para o teto de gastos passasse a se basear no valor acumulado pelo IPCA em 12 meses no mês de dezembro, em vez de junho, de forma retroativa a 2016. Junto de outras mudanças já presentes nessa PEC, estimava-se que o espaço aberto no Orçamento de 2022 ficaria em aproximadamente R\$ 83 bilhões.

Mesmo com essa solução que, teoricamente, não furaria o teto de gastos, a manobra foi encarada pelos mercados como um estouro efetivo do limite fiscal, o que fez com que seu anúncio deteriorasse consideravelmente as perspectivas para o cenário fiscal e, conseqüentemente, para as variáveis macroeconômicas em 2021 e 2022. Contribuiu para esse aumento no pessimismo a debandada de parte da equipe do Ministério da Economia após o anúncio das mudanças na regra do teto, com destaque para a saída do então secretário Especial do Tesouro e Orçamento, Bruno Funchal, e do secretário do Tesouro Nacional, Jeferson Bittencourt. Mesmo após esse enfraquecimento, o ministro da pasta, Paulo Guedes, manteve-se no cargo, o que trouxe um pouco de alívio para os mercados, embora não suficiente para compensar a piora nas expectativas. Na última semana do mês, a PEC dos precatórios começou a ser discutida na Câmara dos Deputados, mas sua votação foi adiada para o mês seguinte, de forma que o cenário fiscal terminou outubro repleto de incertezas sobre o rumo das contas públicas para o próximo ano.

O evento político que se esperava que seria destaque no mês de outubro, mas que foi ofuscado pelo anúncio do ajuste no Auxílio Brasil, foi a leitura do relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia. O texto trouxe o pedido de indiciamento do presidente Jair Bolsonaro por 10 crimes, além de outras 70 pessoas que também teriam apresentado conduta ilegal relacionada à gestão da pandemia de covid-19. Como o mercado também já não esperava grandes repercussões desse relatório para o cenário político e econômico, o evento acabou não afetando os ativos de maneira significativa.

Outro ponto de preocupação no mês de outubro foi a inflação, que continuou apresentando fortes pontos de pressão, em especial nos preços dos combustíveis. Múltiplos reajustes foram realizados pela Petrobras nos preços às refinarias, que levaram a aumentos significativos nos preços ao consumidor. Com isso, o Congresso continuou a discutir soluções para essa alta dos combustíveis, culminando em um Projeto de Lei Complementar determinando que os estados especificassem uma alíquota de ICMS para cada tipo de combustível por unidade de medida adotada, que poderia ser de peso ou volume, em vez do preço do produto. A proposta encerrou o mês no Senado, onde esperava votação, após ter sido aprovada na Câmara dos Deputados. Com isso, a questão continuou sem solução até o fim de outubro.

Dados prévios de inflação também pressionaram as expectativas durante o mês, deteriorando as projeções para os meses posteriores. O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo 15 (IPCA-15) registrou alta de 1,2% em outubro, acima dos 0,97% esperados pelo mercado. Energia elétrica, alimentos e combustíveis continuaram a ser os principais motores para essa alta.

Com a inflação pressionada, e tendo em vista principalmente a forte deterioração do arcabouço fiscal e seus efeitos nas expectativas, o Comitê de Política Monetária (Copom) decidiu elevar a taxa Selic em 1,5 ponto percentual em sua reunião no final do mês, acima do 1 ponto percentual adiantado na reunião anterior, elevando-a para 7,75% ao ano. Em seu comunicado, o comitê apontou para um ambiente externo menos favorável para o Brasil, dado o cenário de inflação persistente que diversas economias desenvolvidas enfrentam, e revelou suas projeções para 2021 e 2022, ambas acima das respectivas metas de inflação. Foi ressaltado que a mudança proposta na regra do teto de gastos para abrir espaço ao Auxílio Brasil no ano que vem aumentou a assimetria altista do balanço de riscos do BC, ou seja, o Copom passou a avaliar uma chance maior de que a inflação ficasse acima de suas projeções, provocando a necessidade desse ajuste

ANGEPREV

ainda mais rápido na taxa de juros. Com isso, o comitê já adiantou mais uma alta de mesma magnitude para a última reunião deste ano, o que implicaria em uma taxa Selic de 9,25% ao final de 2021, e deixou aberta a possibilidade de mais aumentos em 2022. Essa nova comunicação do Copom fez com que todo o mercado reajustasse suas expectativas para a economia deste ano e de 2022, contribuindo para um resultado ainda pior dos ativos no período.

Por fim, dados de atividade divulgados ao longo do mês apontaram para uma fragilidade da economia em agosto, o que contribuiu para revisões para baixo do crescimento brasileiro de 2021. A produção industrial diminuiu 0,7% em agosto frente a julho, queda maior do que a esperada pelo mercado, que era de 0,4%, enquanto as vendas no varejo recuaram 3,1% em agosto na mesma base de comparação, resultado contrário às expectativas do mercado, de alta de 0,7%. O único setor com desempenho positivo foi o de serviços, cujo volume cresceu 0,5% em agosto frente a julho, resultado em linha com as expectativas de mercado. Dados de emprego apontaram para uma contínua melhora do mercado de trabalho, com queda na taxa de desemprego de 13,7% para 13,2% em agosto, enquanto o nível de ocupação subiu para 50,9%. Esses últimos dados, no entanto, não foram suficientes para reverter a piora nas expectativas.

Em meio a este cenário complicado que se desenhou no mês de outubro, os mercados brasileiros tiveram dificuldades, e acabaram apresentando resultados negativos tanto na renda fixa quanto na renda variável. O principal fator para essas quedas foi a deterioração do cenário fiscal com as mudanças propostas na regra do teto de gastos para acomodar o novo Auxílio Brasil. Assim, o Ibovespa, principal índice da bolsa brasileira, fechou o mês com queda de 6,74%, enquanto praticamente todos os índices de renda fixa também terminaram o período com perdas.